

# Práticas educativas a partir de uma perspectiva Estética Ambiental

*Prácticas educativas desde una perspectiva Estética Ambiental*

*Educational practices from an Aesthetic Environmental perspective*

Ma. Stela Maris Furtado Ieck<sup>1</sup>

## Resumo

O artigo em questão apresenta reflexões sobre as práticas de estágio realizadas em uma escola pública, na cidade do Rio Grande, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. No texto são evidenciadas as atividades trabalhadas em sala de aula a partir de uma perspectiva Estético Ambiental e os momentos vivenciados na escola, na constituição do “ser” professor como potencializador do aluno, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Por esse viés, a proposta de trabalho traz momentos de sensibilização e emoção que foram expressos no desenvolvimento dos trabalhos dos alunos, na criação de textos, no desvelar de sentimentos que possibilitassem com que os educandos pudessem refletir sobre o mundo e sobre a realidade ao seu entorno.

Palavras-Chave: Educação Estética; Meio Ambiente; Práticas educativas.

## Resumen

El artículo en cuestión presenta reflexiones sobre las prácticas de práctica realizadas en una escuela pública, en la ciudad de Rio Grande, en los años iniciales de la Enseñanza Fundamental. En el texto se evidencian las actividades trabajadas en el aula a partir de una perspectiva Estética Ambiental y los momentos vivenciados en la escuela, en la constitución del "ser" profesor como potencializador del alumno, en los años iniciales de la Enseñanza Fundamental. Por este sesgo, la propuesta de trabajo trae momentos de sensibilización y emoción que se expresaron en el desarrollo de los trabajos de los alumnos, en la creación de textos, en el desvelar de sentimientos que posibilitar con que los educandos pudieran reflexionar sobre el mundo y sobre la realidad alrededores.

Palabras claves: Educación Estética; Medio ambiente; Práticas educativas.

## Abstract

The present article presents reflections about the internship's practices carried out in a public school, in the city of Rio Grande, in the initial years of Elementary School. In the text the activities worked in the classroom from an Aesthetic Environmental perspective and the moments experienced in the school, in the constitution of the "being" teacher as a learner of the student, in the initial years of Elementary School are evidenced. By this bias, the work proposal brings moments of sensitization and emotion that were expressed in the development of the students' work, in the creation of texts, in the unveiling of feelings that enabled the students to reflect on the world and the reality to their own. environment.

Keywords: Aesthetic Education; Environment; Educational practices.

## 1. A construção do professor como potencializador do aluno

O presente artigo discorre sobre as práticas realizadas em uma escola pública, durante o período de estágio, no curso de Pedagogia, na cidade do Rio Grande. No texto são

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação Ambiental. Universidade Federal do Rio Grande. E-mail: [stelafurtadoieck@gmail.com](mailto:stelafurtadoieck@gmail.com).

evidenciadas as atividades trabalhadas e a trajetória da educadora nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A problemática da investigação busca compreender se as práticas adotadas pela escola favorecem o desenvolvimento das capacidades necessárias à formação do aluno. O objetivo do trabalho é refletir sobre as práticas educativas a partir de uma perspectiva estética ambiental e dos momentos vivenciados na escola. Nesse enfoque, as reflexões se fizeram acerca das atitudes, dos pensamentos que através de pequenos gestos, fazem com que o educador se constitua, continuamente, enquanto professor(a) dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Diante disso, justifica-se esse campo de estudos pela necessidade de construção do sujeito como professor e também como potencializador do aluno, desenvolvendo a sua criatividade, suas habilidades a partir da visão estético-ambiental, foco do desenvolvimento deste estudo. O texto é dividido em três partes, a primeira apresenta os sujeitos da pesquisa e as atividades trabalhadas que desencadearam reflexões, posicionamentos, a segunda parte a desconstrução dos sujeitos a partir de uma visão estético ambiental e a terceira parte, a Arte como sensibilização.

Desse modo, as reflexões se fizeram acerca do homem/natureza, do repensar de valores, das atitudes que devem começar entre o sujeito consigo mesmo. Sendo assim, repensar as nossas ações representam aquilo que somos e, somente seremos capazes de “objetivar” o mundo, quando nos distanciarmos para refletirmos sobre ele e desse modo, buscar transformá-lo. Tomando em “sentido filosófico” o pensamento de Freire “os homens são capazes de agir conscientemente sobre a realidade objetivada. É precisamente isto, “a práxis humana” a homem unidade indissolúvel entre minha ação e minha reflexão sobre o mundo”. (FREIRE, 1980, p.26).

Tais pressupostos revelam que o processo de criação também é um modo de sensibilização, de superação, do encontro com a essência humana que, por vezes, se encontra perdida no campo do trabalho. Superar a alienação é tentar conduzir a vida através relações mais harmoniosas, mas para isso, é preciso desvelar as emoções, refletir sobre o mundo e, principalmente, compreender que “na relação estética do homem com sua realidade, explicita-se toda a potência de sua subjetividade, de suas forças humanas essenciais, entendidas como próprias de um indivíduo que é, por essência um ser social” (SÁNCHEZ VAZQUEZ, 2010, p. 31).

O desenvolvimento do trabalho foi realizado em uma turma de 28 alunos, do 4º ano do Ensino Fundamental. A elaboração das atividades iniciou através de algumas provocações feitas para a turma. A construção de dois personagens fez parte da história. Então, foi pedido aos alunos que construíssem a história de vida dos mesmos. Eram dois bonecos, um

representava uma menina negra e o outro um menino ruivo. Convidei-os para se reunirem em grupos de cinco, pois a turma era grande. Gostaram muito dessa forma de interação, porém, percebi que isso não acontecia com frequência na escola. Em questionamentos realizados junto a professora, a mesma disse que eles ficavam muito agitados e provocavam muito tumulto e que, raramente, ela desenvolvia trabalhos em grupo. Todavia, não desconsiderou a proposta e deu total liberdade para o desenvolvimento da atividade.

Dos cinco grupos, apenas um escolheu a menina, os demais escolheram o menino. Dando segmento às atividades, foi pedido que escrevessem uma história sobre a personagem escolhida, antes foi disponibilizado um roteiro para orientá-los na construção dessas personagens. Observou-se que os grupos que escolheram o menino eram em número de quatro, apenas um grupo escolheu a menina e esse teve o poder de decisão final, na votação para a escolha do nome do menino e da menina. Assim, o menino foi nomeado de Welington e a menina de Larissa.

Diante disso, Dolci e Molon em suas reflexões argumentam que,

A Educação Estético-Ambiental busca promover um repensar nas ações para alcançar novas ações, sendo a base para um agir reflexível. Para nós, a Educação Estético-Ambiental efetiva-se quando se tem como princípio compreender a realidade concreta a fim de transformá-la, permitindo o entendimento do movimento das relações que definem a vida em sociedade. A Educação Estético-Ambiental faz-se presente quando sentimos que estamos interligados aos sujeitos e as coisas, quando compreendemos que pertencemos ao lugar em que vivemos e buscamos ter atitudes ambientais (DOLCI; MOLON, 2015, p. 75).

A turma muito participativa gostava muito de interagir, expressar sua opinião, foram ensinados a levantar a mão, todas as vezes, que queriam se expressar e, apesar da pouca idade tinham posicionamentos, ideias, além disso, eram muito criativos. Em muitos momentos surgiram questionamentos, curiosidades sobre as características das personagens. A da personagem negra usada de forma proposital para chamar a atenção sobre o preconceito e a discriminação, a personagem ruiva “menino” com aspectos femininos trazia também a questão do gênero.

Desse modo, propor discussões que levem a reflexão sobre essas questões são muito importantes não só para o desenvolvimento da linguagem oral/escrita, mas também para desconstruir estereótipos, traços de descaracterização que atravessam o discurso escolar, muitas vezes, provocando conflitos entre os alunos. Ao final da atividade, eles fizeram a leitura do texto sobre as personagens criadas e apresentaram para o grande grupo.

O olhar reflexivo por esse viés, considera que a concepção estética não surge como uma representação única da realidade através de formas e figuras ou distanciamento das

mesmas, mas em um contexto real o qual existe uma relação com a essência humana. Dessa forma, existe um poder que se firma num desejo de transformar a realidade, humanizando-a, e a arte satisfaz essa necessidade de humanização. Tais inferências significam que, o homem é por essência um ser criador, pois é nesse processo de criação que constrói os produtos artísticos, porque neles se sente mais assegurado, mais criador, ou seja, mais humano. (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2010, p. 43).

Durante as atividades, percebi alguns momentos de desestabilização da turma, muito tumulto, todos querendo se expressar ao mesmo tempo. No entanto, essa “desacomodação” foi proveniente das provocações, um boneco (gênero masculino) e aparência feminina, uma boneca negra (gênero feminino), a representação das diferenças. Curiosos, eles interagem, manipulavam os bonecos, davam vida aos dois personagens que transitavam pela sala de mão em mão. Desse modo, é preciso considerar que, “a base do ser humano está nas relações - com o meio, com as pessoas, com a natureza, com o mundo, assim estamos falando da contribuição da Educação Estético-Ambiental para a educação, para a sociedade” (DOLCI; MOLON, 2015, p. 75).

Nesta concepção, percebe-se que a criação existe em nós, mas o que nos torna tão obtusos? Ao observar as crianças transporte-me para o passado da minha infância, aonde o ostracismo era a caricatura da criança “domesticada” e desprotegida. A criança da minha vida, aprisionada dentro de si mesma, a criança que adorava narrativas, um dia endureceu e se escondeu do mundo. Esse sentimento ainda permanece em mim mesmo depois de muito tempo decorrido, por vezes, parece adormecido. No entanto, os tempos são outros e, percebe-se que os alunos, embora com toda limitação imposta pelo professor efetivo, no que diz respeito às normas de comportamento, tais como: conduta, obediência, não se furtaram de extravasar os momentos, de compartilhar críticas e discussões na atividade proposta.

## **2. A desconstrução do sujeito através da Arte Estético Ambiental**

No dia seguinte, permaneci no pátio aguardando o sinal, pois tinha que levar a turma para a sala de aula. Todos seguiram em fila, ao adentrarmos a sala, todos queriam atividades em grupos, novamente. Entretanto, fui informada pela professora que alguns conteúdos do primeiro bimestre que faziam parte do currículo dos alunos deveriam ser trabalhados, pois a falta de professor no início do semestre deixou de suprir essa necessidade. Assim elaborei as atividades pensando em alguns desses conteúdos. Dei início ao gênero textual Bilhete.

Comecei a aula falando sobre o conceito, depois pedi que eles mesmos elaborassem um bilhete e entregassem para alguém do círculo de amizade deles.

À coordenação orientou-me que eu poderia levá-los para a Educação Física, já que fazia parte do conteúdo, naquele dia. Após o término das atividades com o bilhete, que não cheguei concluir, deixei para dar continuidade na próxima aula, conversamos sobre jogo de futebol no pátio, pois eles gostavam muito de jogar. Criou-se um impasse, quando as meninas decidiram jogar bola, foram proibidas, os meninos não as aceitavam, então, foi preciso uma longa conversa para convencê-los do contrário. Falamos sobre a jogadora Marta, campeã de futebol feminino, uma das melhores de mundo. Relutaram durante algum tempo, depois aceitaram.

Quando todos decidiram, fomos para o pátio, elas foram para a quadra jogar com eles, porém não passavam a bola para elas, o que as deixou muito irritadas. Novamente tive que intervir até que os grupos se separaram, cada grupo ficou com uma bola e foram para diferentes lados jogar. No entanto, os meninos não foram felizes, pois a bola caiu no pátio de uma casa ao lado, sem opção de escolha, retornaram ao campo e chamaram as meninas para jogar.

Elaborei atividades com o bilhete, essas tinham por objetivos fazê-los refletir sobre a escrita. A elaboração das cartas, os textos escritos com tanto prazer, ali o aluno, ou melhor dizendo, o protótipo de poeta “desmanchava” a alma. E essa “dimensão intelectual é o desenvolvimento dos saberes que envolvem o ser humano e a dimensão espiritual é a força intrassubjetiva que rege a vida do ser humano, fazendo com que tenha tomada de decisão nas diversas situações vividas” (DOLCI; MOLON, 2015, p. 75)..

A criança compreende o processo de criação, esse representa liberdade de pensamento, a liberdade de expressão, do dizer e fazer. Assim, os vários bilhetes confeccionados traziam mensagens que demonstravam os sentimentos que tinham pelos amigos, família e professores. Observei que não eram papéis comuns, eram papéis coloridos, pintados, enrolados para que não amassasse, outros em forma de cartas, lacrados com uma pequena figura na ponta.

Em Sánchez Vásquez, o estético revela o homem como um “ser” criador e, transformador da atividade artística e essa deve se basear-se numa prática original, da qual ela mesma nasce como uma expressão superior. A prática é uma dimensão do homem como ser ativo, criador, e, por isso, o fundamento das práxis artística deve ser buscado na própria prática originária a qual se fundamenta a consciência e a existência do homem (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2010, p. 45).

Na aula de Educação Física, devido aos frequentes conflitos entre os alunos, foram realizadas várias intervenções, durante várias vezes, no campo de futebol, a aceitação das meninas no jogo estava longe de ser aceito pelo grupo de “pequenos homens” que outorgava autoridade sobre elas. Aceitação de serem excluídas jamais foi aceita por elas, assim se mantiveram no jogo até o final, quebrando fronteiras e rompendo àquilo que estava instituído pelo grupo masculino “meninas não jogam futebol”. Então, argumentei: “jogam sim, Marta a nossa craque do futebol feminino é a melhor do mundo”.

O livro “Flávia e o Bolo de Chocolate” permitiram não só trabalhar a linguagem e a escrita, mas também as diferenças. Esse assunto teve que ser abordado por diversas vezes, pois os vi se estranharem por banalidades, verbalizavam nomes que descaracterizavam uns aos outros, o que acabava por gerar conflitos. Em sala de aula isso acontecia, frequentemente, foram muitas as discussões sobre esse assunto, sinalizei as diferentes etnias que compõe o povo riograndino. Muito interessados no assunto, os alunos polemizaram suas origens, sua herança cultural e étnica. Desse modo, surgiu a temática sobre a herança cultural riograndina e dos povos que aqui se estabeleceram desde a época da colonização.

Assim, a proposta de trabalho apresentada em sala de aula surgiu com o objetivo de levar a reflexão sobre o espaço, onde vivem, conhecer as diferentes culturas dos antigos povos que anteriormente habitavam essa região, da herança cultural deixada pelos antepassados. Cada aluno poderia escolher um local para desenvolver seu trabalho de pesquisa que posteriormente seria orientado pelo professor. Diante disso, foram disponibilizados no quadro verde, vários espaços culturais, de livre escolha para que pudessem realizar a investigação. Assim, foi escrito o nome de cada um e o espaço escolhido para dar início a pesquisa. Ficaram entusiasmados com esse trabalho e também muito curiosos a respeito do assunto. Surgiram vários questionamentos sobre a questão.

Na hora do intervalo houve um novo conflito na fila, mas dessa vez, apenas alguns desagравos, apelidos feitos por um aluno, que foi repreendido por outro que lhe chamou atenção sobre o ocorrido: “tu já se esqueceste do que a professora falou sobre isso? Falou sobre nos respeitarmos”. A mudança de pensamento, a atribuição de valores, essa é a função da escola, mostrar aos alunos a realidade vivenciada por eles, mas para além disso, construir sentimentos de humanização, de solidariedade e de respeito mútuo devem permear o discurso escolar.

Nos dias subsequentes, o trabalho foi desenvolvido com o estudo dos adjetivos, com gramática contextualizada, o livro escolhido foi “Menina bonita do laço de fita” da autora Ana Maria Machado, tal como anteriormente, inicialmente foram apresentadas as ilustrações da



capa, depois os alunos fizeram suas reflexões, seguidamente, conforme a história era lida, surgiam às características da personagem (menina) e, por fim, a compreensão sobre o conceito de adjetivo.

Além disso, o livro também aborda a questão de valores, o respeito às diferenças, suscita questionamentos sobre a descaracterização do outro, e a baixa autoestima. Nas observações, notei que alguns alunos são muito tímidos, têm medo de se expressar, não gostam de falar e, quando erram, outros lhes chamam atenção. Acrescentei que nós aprendemos todos os dias, com todos e que se soubéssemos tudo, não precisaríamos estar na escola. Argumentei que a escola é um espaço de diversidade, várias identidades constituem e permeiam o ambiente escolar e que cada criança tem seu tempo de aprendizagem, nem todos aprendem ao mesmo tempo e cada um tem uma maneira própria de construir seu conhecimento.

A leitura do poema “As borboletas” de Vinicius de Moraes permitiu o trabalho com os adjetivos, evidenciou as características que modificam o substantivo. A seguir eles fizeram um roteiro de leitura e depois, concretizaram a resposta no quadro. Quando me dei por conta, a aula já tinha terminado. Porém antes de concluir, um aluno foi até a frente e fez do funk do poema “As borboletas”. Foi muito criativo, considerei muito interessante ele utilizar as rimas para transformar o poema em música. Nesse seguimento, é possível observar que, “Educação Estético-Ambiental efetiva-se quando se tem como princípio compreender a realidade concreta a fim de transformá-la, permitindo o entendimento do movimento das relações que definem a vida em sociedade” (DOLCI; MOLON, 2015, p. 75).

A leitura de um poema para elaborar um trabalho em sala de aula, deve começar pela contextualização da turma, ter todo cuidado na escolha dos textos, proporcionando assim, algo que faça sentido para os alunos. A escolha do poema “As borboletas”, além de trazer a ideia de diversidade, assunto que estava sendo trabalhando, também fazia alusão a gramática contextualizada no texto no uso dos adjetivos.

Um aluno surpreendeu a turma, em segundos, ele chamou os colegas e todos se reuniram ao seu entorno, então, ele disse que tinha feito um funk do poema. Não esperou permissão, posicionou-se na frente de todos e cantou. Não sei expressar o que senti naquele momento, mas foi um sentimento indescritível. No dia seguinte, toda a turma parou e pediu para que ele cantasse novamente, e ele o fez, com muita espontaneidade. De acordo com Vygotsky “as crianças, nos seus jogos, não se limitam a recordar experiências vividas, mas reelaboram-nas de modo criador, combinando-as entre si e construindo com elas novas realidades de acordo com seus afetos e necessidades”. (VYGOTSKY, 2009, p.14).

Diante disso, penso que é preciso investir na capacidade criativa das crianças, trabalhar dentro de uma dinâmica social, cultural, estético ambiental. No entanto, sabemos que nem sempre é assim, o mesmo ensino tecnicista e conteudista que fragmenta o conhecimento, sobrevive há anos nas instituições escolares, desestimulando os alunos. Entretanto, as mudanças devem começar em sala de aula, tendo em vista que a escola é um espaço de interações, possibilitando que o aluno se expresse e desenvolva a suas habilidades e a sua criticidade. Sendo assim, é preciso libertar o educando das “amarras” que o condicionam e o transformam em um mero reprodutor de conhecimento. Promover autonomia, liberdade de pensamento, deixar fluir a criatividade que o levará a questionar a realidade ao seu entorno.

### **3. A arte como meio de sensibilização**

Para Dolci; Molon “a arte acorda sentimentos e sonhos, pois possui um despertar de potencialidades, torna as pessoas mais vivas” (DOLCI; MOLON 2015, p. 70). Nesse processo, a Educação Estética Ambiental é o encontro do sujeito com ele mesmo, não é algo planejado, são emoções que surgem do interior para o exterior, é a subjetividade na exterioridade. De acordo com essas mesmas autoras a educação estética rompe com o pensamento racional, com a visão limitada do mundo e o ambiental permite um olhar sobre o mundo através de relações sistêmicas.

O livro “Carlota Bolota” de Cristina Porto permitiu discussões que levaram a muitas reflexões. Inicialmente falou-se sobre a importância do ilustrador e após uma síntese sobre a biografia de cada um dos autores foi dado o início a leitura. O livro conta a história da personagem Carlota Bolota, assim nomeada pelo irmão por ser uma menina gordinha. A protagonista Carlota sofre vários conflitos devido a estética corporal e por fim, acaba aceitando a sua condição, encontrando no jogo de futebol a sua satisfação. A história, traz a questão do preconceito contra mulheres, sobre a questão das diferenças, da aceitação do outro.

Observou-se em vários momentos a interrupção da leitura, os alunos se posicionavam sobre o preconceito, a descaracterização, situações que tinham presenciado ou que alguém lhes havia contado e agora queriam compartilhar com a turma. Ao término da leitura foi disponibilizado um roteiro para uma melhor compreensão sobre o texto, depois a reescrita da história, poderiam mudar as características da menina, ela poderia gostar de outro esporte, enfim, a ideia era levá-los ao processo de criação.

Após o intervalo, retomamos as atividades, aproveitei o texto da Carlota Bolota para trabalhar o Grau dos substantivos diminutivo e aumentativo. Chamei atenção para alguns



adjetivos no diminutivo, presentes no livro que de certa forma reforçavam a baixa autoestima da personagem Carlota em relação a si própria. Depois, entrei com o conceito sobre o Grau dos substantivos. Trouxe os conceitos que foram discutidos e analisados.

Um fato novo aconteceu, tive que gravar a voz de um aluno que transformou o poema “As borboletas” de Vinicius de Moraes em um funk, ele cantou, novamente, em sala de aula, a pedido dos colegas. Outro aluno pediu para ir ao quadro, pois tinha criado uma história sobre os Gnomos, ser mitológico. Ele desenhou a figura mitológica e fez uma síntese sobre o personagem. Percebe-se “que a criação artística é uma atividade humana graças à qual o homem toma consciência de si”. (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2010, p. 53).

No desenvolvimento do trabalho busquei na leitura dos livros o estímulo para que pudessem se expressar, mas por vezes fugiam do assunto, traziam questões relacionadas a família, aos amigos, a acontecimentos que presenciaram, sentiam vontade de se expressar. Em relação a elaboração das atividades, cada qual queria fazer primeiro. Anterior a pesquisa na sala de informática, inseri os principais pontos da cidade e sua localização. A pesquisa no laboratório de informática foi uma atividade que eles não costumavam fazer, raramente iam ao laboratório, só mexer nos computadores, acessar jogos on line.. O desenvolvimento dessa atividade foi direcioná-los ao campo da pesquisa.

As personagens Larissa e Washington criados por eles na primeira aula, transitavam de casa em casa, já estavam vestidos com outras roupas, possuíam, até mesmo, mochila para ir à escola, foram confeccionados livros para eles. Observei que “a criação artística permite ao homem manifestar-se nas coisas exteriores, elevando assim a um novo nível a expressão de si mesmo que se realiza já na atividade prática” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2010, p. 53). A cada atividade, permitia fossem ao quadro fizessem as questões e explicarem aos colegas como as tinham elaborado. Essa atividade era muito disputada, cada qual queria ir primeiro, chegavam a disputar com os colegas.

Nas aulas de matemática, os cálculos de adição, subtração e multiplicação em vez da tradicional memorização foram substituídos pelo cálculo mental, foram apresentadas outras possibilidades de se desenvolver os cálculos, mas sem desconsiderar o conhecimento já adquirido na escola. Desenvolver o raciocínio lógico poderia levá-los a pensar, por isso, foram elaboradas algumas questões que tinham por objetivos provocá-los e fazê-los refletir sobre elas. Nas observações, pude perceber que o novo sempre chama atenção, principalmente, quando a ideia é para desenvolver o cálculo por meio do raciocínio, mas não de forma tecnicista, deve-se levar os alunos a pensar para não reproduzir conhecimento, mas

sim, aprender a desenvolver habilidades de construção do conhecimento no processo de ensino/aprendizagem.

Como estávamos na Semana da Pátria, foi sugerido pela escola que fosse aplicado atividades voltadas para essa data. Ao chegar em sala de aula, introduzi o assunto, questionei os alunos sobre o que significa Pátria. Nenhum deles soube responder. Então comecei a contar a história em forma de narrativa, aponte situações da realidade, falei sobre a vinda da família real para o Brasil, sobre os avanços e os retrocessos de uma política econômica voltada para a exploração o que, conseqüentemente, ocasionou uma sucessão de revoltas, devido ao descontentamento do povo. Naquele caso, altas taxas de impostos o que não difere em nada do contexto atual.

O conteúdo enfadonho proporcionou uma aula discursiva que rendeu muitos “frutos”, pois permitiu evidenciar a nossa realidade atual. As discussões sobre Soberania Nacional, o cuidado que as novas gerações devem ter com as nossas riquezas naturais, a importância da preservação do Meio Ambiente. A apresentação de séries televisivas que contam a história ao contrário. Todavia foram usados muitos argumentos para desconstruir os interesses daqueles que detém o poder.

Nos trabalhos apresentados sobre os monumentos históricos na cidade do Rio Grande, os locais escolhidos ficaram a critério dos alunos. Muito esforçados, colocaram fotos, alguns dos trabalhos falavam sobre a importância da pesca no município e traziam depoimento das famílias de pescadores, profissão passada de pais para filhos. Alguns muito tímidos não queriam ler, mas com um pouquinho de insistência, pediam que eu ficasse ao lado deles, queriam segurança. Foram apresentados excelentes trabalhos, fiquei satisfeita com os resultados.

Na a sala de vídeo, o filme apresentado intitulado o “O homem”, e o segundo, “Amazônia Desconhecida” chamou muito a atenção, o primeiro, a temática girava em torno do antropocentrismo em relação as demais formas de vida no planeta, o segundo mostrava a Amazônia e os povos indígenas, desconhecidos das crianças. Um aluno gritou no fundo da sala: *Poxa! O homem vai destruir tudo.* Ao final da aula, Larissa e Welington, os dois personagens, foram passear na casa de dois alunos, passaram o final de semana com eles e, assim sucessivamente.

No trabalho com os dois poemas; “*O bicho*” de Manoel Bandeira e o “Retrato” de Cecília Meireles, o desenvolvimento das atividades resultaram em muitos questionamentos sobre o texto. Textos polêmicos sempre geram discussão e fazem conexão com outras temáticas. Os alunos falaram sobre os moradores de rua, ou seja, nomeavam de “mendigo”.

Salientei que atualmente são intitulados “moradores de rua”. Questionaram sobre o porquê da mudança na nomenclatura, argumentei que certas palavras, no decorrer do tempo terminam por rotular as pessoas e constroem estereótipos que deixam marcas, pois, descaracterizam o sujeito e, conseqüentemente, provoca a exclusão.

A escolha dos textos é muito importante, por isso, quando é feita uma seleção, os autores também são importantes. Essas escolhas tornam o trabalho gratificante, suscitam questionamentos e desconstroem ideias que muitas vezes são fundamentadas pelo senso comum. O mesmo ocorre quando se trabalha a estrutura da língua, as palavras têm sentido, por isso, no desenvolvimento do trabalho, excluí frases fragmentadas, optei pela gramática contextualizada buscando o sentido do texto. No entanto, percebi que as atividades com gramática são feitas de forma tradicional.



Figura 1: A concretização das personagens  
Fonte: Stela Maris Furtado Ieck

No dia seguinte, os alunos estavam dispersos na fila, mostravam as roupas que tinham feito para o Wellington (personagem) nomeado por eles no início do estágio. Um aluno estava com a personagem e mostrou a gravata que tinha colocado nele, outro tinha feito roupas. A avó de um aluno questionou-o: - *Agora brincando com bonecas?* Ele olhou e nada respondeu, continuei elogiando o trabalho dele, quando uma mãe falou: - *Gosto muito de ver isso, essa é uma forma de ensinar a respeitar as diferenças e também as mulheres.* Então respondi sorrindo: - *É esse o sentido!*

Dando seguimento aos estudos nos dias subsequentes, foram abordados a importância da preservação dos nossos ambientes ecológicos, limpeza da praia, cuidados em relação a limpeza urbana e sua importância para a saúde. Após as discussões, algumas questões sobre como eles consideravam a organização da cidade, a rua, onde eles moravam. Nas discussões

surgiram o descontentamento com o local, sobre os alagamentos, lixos nos bueiros em dias de chuva, entupimento nas “bocas de lobo” e as águas invadem os bairros e, conseqüentemente, as casas. Em relação a esse fato, falamos sobre a cobrança em relação a valeta na nossa porta, se pagamos impostos temos que exigir do executivo uma solução para o problema.

Nos conteúdos sobre a poluição, senti necessidade de reforçar sobre a questão ambiental. Antes disso, lembrei aos alunos sobre o vídeo que havíamos visto no auditório, só que dessa vez, o filme mostrava como a degradação ambiental afeta a vida de muitas espécies no planeta. Antes busquei discutir com os alunos sobre essa questão, já que tínhamos trabalhado sobre os malefícios dos agrotóxicos na alimentação. Após essas discussões, apresentei o vídeo, lembro que uma menina falou quando viu a morte de animais que morriam por ingerir lixo que muitas vezes eram descartados pelas pessoas na praia, disse ela que as cenas eram muito fortes e que o vídeo deveria ter faixa etária para ser assistido.

Foram momentos de construção do conhecimento, o vídeo trouxe muitas informações importantes que puderam ser trabalhadas e contextualizadas nas discussões, associadas a realidade local dos alunos. Eles prestavam atenção em todas as imagens e ficavam em silêncio observando o documentário. Nesse segmento, penso que trabalhar com questões voltadas para a realidade dos educandos pode fazer com que eles observem a realidade ao seu entorno. Os comentários que se seguiram, após a apresentação do vídeo, foram desencadeados por sentimentos de indignação, desestabilizados os alunos, não compreendiam porque as pessoas deixavam seu lixo jogado em qualquer lugar, as cenas dos animais mortos com lixo no estômago foram muito fortes e os fez refletir sobre o cuidado com o ambientes ecológicos que devem ser preservados.

Ao final dos nossos encontros, convidados muito especiais foram conhecê-los, dois integrantes do grupo do Núcleo Pesquisa Estético – Ambiental Sobre o Teatro na Educação (NUPEATRO) da FURG, se caracterizaram de Larissa e Washington, a professora da turma acompanhava a tudo muito de perto, foi a primeira a entrar na sala. Os relatos foram emocionantes, quase impossível descrever a cena, o rosto de surpresa das crianças, o brilho nos olhos, quando viram que os personagens que eles criaram, estavam ali, concretizados, tinham vida. Por esse viés, “a criação artística e, em geral, a relação estética com as coisas é fruto de toda história da humanidade e, por sua vez, é uma das formas mais elevadas de afirmassem no mundo objetivo” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 2010, p. 74). Após essa primeira etapa, os personagens caracterizados desenvolveram várias brincadeiras dentro e fora da sala de aula.

No desenvolvimento das atividades em sala de aula, embora com algumas dificuldades, o educador encontra situações que são gratificantes. E o “ser professor” se faz continuamente, pois ele está em constante construção. Nesse seguimento, ele busca mudanças significativas que façam sentido para os alunos. A escola é um espaço de construção do conhecimento e de aprendizagem e associada a arte estética, sensibilizadora tem o poder e humanizar e transformar assumindo uma nova significação. Nesse segmento, nós, professores, devemos potencializar nossos alunos, pois, existe uma luta pelo poder e, esse poder vai continuar se perpetuando. Enquanto uma classe mantém seus privilégios a outra vai continuar estigmatizada, segregada e, por fim subordinada.

As reflexões sobre o trabalho levaram a perceber que é preciso sensibilizar para transformar, dotar o aluno para que ele possa desenvolver sua criatividade. Nesse caminho, não existem limitações, mas sim um extravasamento de emoções que podem ser expressos de diferentes maneiras, mediante a criação artística. A sala de aula é um espaço de aprendizagem, mas para além disso, é um espaço de encontros de diferentes identidades que interagem entre si e produzem conhecimentos, sobretudo dotados de significação. Nesse sentido, a arte permite não só objetivar o mundo através dos objetos, mas também traduz a essência humana através da sensibilização.

### Referências

DOLCI, Netto Luciana; MOLON, Suzana Inês. A experiência com o teatro na formação dos professores: potencialidades à Educação Ambiental e à Educação Estética. *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.* v. 33, n.1, p. 75-94, jan./abr., 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/5383> . Acesso em: 08 jun. 2018.

DOLCI, Netto Luciana; MOLON, Suzana Inês. Educação Estético-Ambiental na produção científica de dissertações e teses no Brasil. *Ambiente & Educação*; v. 20, n.2, p. 65-80, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/viewFile/5823/3765> . Acesso em: 05 ago.2018.

FREIRE, Paulo. *Conscientização teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. Tradução de Kátia de Melo e Silva: revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintral. – 3 ed. – São Paulo: Moraes, 1980.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. *As ideias estéticas de Marx*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 3 ed. – São Paulo: Editora Expresso Popular, 2010.

VYGOTSKY, Lev. *A imaginação e a arte na infância*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Relógio D’Água Editores, 2009.